

CRÔNICA COMO PONTE ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA

Kamilla Rorato¹
Claudemir Hauptmann²

RESUMO: Este artigo visa apresentar um estudo dos gêneros Jornalístico e Literário. O fato de pertencerem a campos distintos por si só já os separam na história, mas busca-se aqui estudar as possíveis aproximações entre eles ou, pelo menos, as semelhanças que possam aproximá-los, tornando mais visíveis os contornos do Jornalismo Literário. O objetivo deste artigo científico é fazer um estudo que contribua para a melhoria conceitual sobre Jornalismo Literário e facilitar um possível estudo futuro de pessoas que se interessam pelo tema. Com o artigo pretende-se chegar o mais próximo de como o Jornalismo e a Literatura se encontraram. O gênero jornalístico é reconhecido pela forma da escrita clara e concisa, principalmente no que convencionou-se chamar de *hard news*, as informações são tidas como “quentes” e precisam ser transmitidas com rapidez. Já o literário quanto mais trabalhado e detalhado, melhor. A crônica é um gênero híbrido, pois faz parte da literatura e do jornalismo. Com base em livros e artigos pretende-se mostrar como a crônica fez essa aproximação entre a literatura e o jornalismo e como a atuação e presença deste gênero fez os dois campos se aproximarem.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros, Jornalismo, Literatura, Jornalismo Literário, Crônica.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que a ligação entre Jornalismo e Literatura gera discussão entre acadêmicos de Comunicação Social que tentam entender como duas práticas discursivas diferentes se encontraram na história. Mas parece não restar dúvidas de que, da composição entre eles, surgem os preceitos que definem o Jornalismo Literário. A relação entre estes dois gêneros desperta curiosidade e ideias distintas surgem a respeito da união do Jornalismo e da Literatura. Lima (1969), por exemplo, defende que o Jornalismo sempre pertenceu a Literatura pelo fato de que os gêneros são mutáveis:

O gênero literário, portanto, ao invés de ser, como queriam os antigos, um tipo de construção estética determinado por um conjunto de normas objetivas a que toda

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade Assis Gurgacz (FAG). kamilla.rorato@hotmail.com

² Professor orientador. cchauptmann@fag.edu.br

composição deve obedecer, - é um tipo de construção estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades intrínsecas e extrínsecas. Nessa concepção, flexível e não rígida, de gênero literário é que podemos incluir o jornalismo. (LIMA, 1969, p. 18).

Na literatura a fórmula para escrever é flexível, os autores têm mais liberdade para criar e colocar no texto elementos que diferenciam a literatura dos demais gêneros, enquanto que no jornalismo, brigando com a falta de tempo e espaço, não se utiliza outros métodos na escrita que não seja o *lead*³, a partir do conceito de pirâmide invertida⁴. Esta é apenas uma das diferenças que fazem aumentar a ânsia de entender como e por que o Jornalismo Literário surgiu.

O jornalista se acomodou com a maneira curta e objetiva de escrever e, por esta razão, não faz um texto elaborado, apenas coloca os elementos principais no papel utilizando o esquema do *lead*. Mas a informação pode ser transmitida de outra maneira que não, necessariamente, respondendo apenas as perguntas: o que, quem, quando e onde.

Neste artigo pretende-se mostrar que o jornalista pode e deve usar de elementos literários para fazer seus textos pois, no século XIX, o jornalismo e a literatura trabalhavam juntos. Através da crônica, autores relatavam o que havia acontecido naquele dia ou naquela semana. A crônica era elaborada, mas com característica informativa. A crônica fazia parte dos jornais, pois havia um espaço dedicado a estes textos mais elaborados.

Para a elaboração deste artigo não é feita análise de crônicas ou jornais que utilizavam a crônica como maneira de transmitir informação, mas sim fazer uma busca e um relato histórico de como a crônica passou a fazer parte do jornalismo, aproximando a literatura do jornalismo.

Autores como Marques de Melo (1992) e Sá (1985) são referências para esta pesquisa, pois um relata a história da crônica, desde o seu surgimento com a carta de Pero Vaz de Caminha, ao primeiro contato com o jornal. Já o outro autor define os gêneros de maneira clara, defendendo o uso da crônica nos jornais.

Com estas leituras e pesquisa pretende-se mostrar com este artigo a maneira com que os dois gêneros com características distintas se aproximaram e qual foi o papel da crônica nesta união das duas práticas.

³ O primeiro parágrafo de uma notícia, que deve conter as informações mais importantes da notícia. Estas primeiras linhas devem chamar a atenção do leitor. No *lead* o jornalista deve responder as perguntas básicas do jornalismo: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? e Por quê?

⁴ Na técnica da pirâmide invertida a informação é passada ao público em ordem decrescente, isto significa que o que é mais importante é colocado primeiro no texto e as informações complementares são passadas no restante da matéria. O *lead* se encaixa neste modelo exatamente por isso, por transmitir nos primeiros parágrafos o que é mais importante sobre determinado acontecimento.

GÊNEROS LITERÁRIOS

Cada época traz consigo uma cultura diferente. Cada escritor escreve com base em seus conhecimentos, credos, época e influências, mas sem deixar de lado a essência da literatura.

A principal característica do texto literário é transmitir e despertar sentimentos e sensações no leitor a partir de simples acontecimento do cotidiano. Isso acontece porque o escritor mistura estes fatos com a ficção. Dessa maneira ele mostra dores, medos e amores através do que acontece no dia a dia de qualquer pessoa. Lispector descreve bem esta ideia:

O que me lembro do conto 'Feliz Aniversário', por exemplo é da impressão de uma festa que não foi diferente das outras de aniversário; mas aquele era uma dia pesado de verão, e acho até que nem pus a ideia de verão no conto. Tive uma "impressão" de onde resultaram algumas linhas vagas, anotações apenas pelo gosto de aprofundar o que se sente. Anos depois, ao deparar com essas linhas, a história inteira nasceu, com uma rapidez de quem já estivesse transcrevendo cena já vista – e no entanto nada do que escrevi aconteceu naquela ou em outra festa. Muito tempo depois um amigo perguntou-me de quem era aquela avó. Respondi que era a avó dos outros. Dois dias depois a verdadeira resposta me veio espontânea, e com surpresa: descobri que aquela avó era minha mesma e dela eu só conhecera, em criança, um retrato, nada mais (LISPECTOR apud MAIA, 2004, p. 42).

Desde que o estilo literário surgiu passou por diversas transformações nas mãos dos autores. O que se tem de mais concreto sobre o nascimento da literatura, segundo Sá (1985) é que “A história da nossa literatura se inicia, pois, com a circunstância de um descobrimento: oficialmente, a Literatura Brasileira nasceu da crônica”. (SÁ, 1985, p. 7).

A partir daí cada escritor, a sua época e com maneiras diferentes de escrever sobre seus sentimentos, aflições e desafios do dia a dia, contribuíram para a caracterização da literatura e dos gêneros literários.

Os textos literários são agrupados a partir de características em comum. Segundo Maia (2004, p.174) “Gênero é a categoria a qual pertence uma obra literária, graças a um certo número de características relacionadas à situação de comunicação e à forma da linguagem privilegiada, regras ou convenções que nos permitem agrupar, pelas semelhanças, determinados textos”.

Partindo do ponto de vista histórico, a classificação dos gêneros literários originou-se em Platão e Aristóteles, que consideravam o texto lírico, épico e dramático como as três divisões de gêneros literários.

Com o passar do tempo estes gêneros se uniram a outros e subgêneros surgiram. Diversos autores tratam sobre o tema e nem todos fazem a mesma classificação. Em um estudo recente apresentado no livro *Literatura: Textos e Técnicas* (2004), Maia defende que

Não existe até agora uma tipologia fixa dos gêneros. É difícil, portanto, dar uma classificação precisa e imutável, não só porque as categorias se multiplicam, mas também porque um gênero pode evoluir. Além disso, é difícil traçar as fronteiras entre gêneros... É bastante comum encontrar-se no romance moderno a mistura de vários gêneros. (MAIA, 2004, p. 42).

Mesmo pensando desta maneira, o autor apresenta uma classificação dos gêneros literários com base em todas as pesquisas e mudanças dos gêneros que tem acompanhado.

Entre os gêneros narrativos Maia (2004) coloca o romance, o conto, a novela e a crônica, que é descrita pelo autor como: “Texto de caráter ficcional, lírico ou filosófico, de extensão curta, geralmente vinculado a um fato ou evento que serve de ponto de partida para reflexão e análise.” (MAIA, 2004, p. 236).

GÊNEROS JORNALÍSTICOS

É uma necessidade humana informar e ser informado. Por isso, o jornalismo surgiu em uma época em que a sociedade europeia passava por transformações e todos precisavam saber o que estava acontecendo. Segundo Marques de Melo (1985), foi a partir das revoluções burguesas que a informação passou a ter maior importância na sociedade:

A intensificação e o refinamento das relações de troca, que ocorrem no bojo das transações capitalistas, as possibilidades de atuar e de influir na vida da sociedade, que se afiguram na eclosão das revoluções burguesas, tornam a informação um bem social, um indicador econômico, um instrumento político. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 11).

As primeiras aparições do jornalismo aconteceram no século XV e se multiplicaram no século XVI. Elas serviam para informar habitantes das cidades, súditos e governantes. Madeleine d’Ainvelle explica o porquê do surgimento e da permanência dessa prática de informar e o porquê cada grupo da sociedade precisa estar bem informado:

O cidadão participa da vida urbana: ele precisa conhecer o que concerne ao seu grupo. O mercador fica aflito sem notícias: ele precisa, para a gestão de seus negócios, de uma imensidão de informações sobre as religiões com as quais negocia, próximas ou longínquas, e os acontecimentos que podem afetar a conjuntura comercial. Os súditos do rei, ansiosos por saberem a sorte dos seus, estão ávidos de notícias precisas sobre a campanha da Itália e os comunicados oficiais os asseguram contra os rumores. O rei, para defender suas atividades militares e seus empreendimentos diplomáticos, sente a necessidade de formar uma opinião para influenciar o equilíbrio dos partidos. Enfim, como propagar idéias novas quando a interdição pesa sobre elas, senão recorrendo a estas folhas que deslizam tão facilmente de mão em mão sem que se chegue a apreendê-las, pois são finas e rapidamente escondidas? (AINVELLE apud MARQUES DE MELO, 1985, P. 12).

Na França o jornalismo tinha esta finalidade. Já na Inglaterra, o modelo era outro:

As primeiras folhas limitavam-se, segundo Kenneth Olson, a descrever um crime, uma catástrofe, batalha ou morte importante, evitando notícias políticas e relatando apenas trivialidade, elaboradas para o divertimento solitário do leitor, de modo a escapar, por via das dúvidas, da censura oficial. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 12).

E ainda no jornalismo inglês, Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003) afirmam que os primeiros jornais começaram nas casas públicas, mais conhecidas como *pubs*:

Na Inglaterra, havia cafés especializados em informações específicas. Os primeiros jornais saíram desses cafés por volta de 1609, quando tipógrafos mais atrevidos começaram a recolher informações, fofocas e discussões políticas nos próprios cafés, depois imprimindo tudo. (KOVACH E ROSENSTIEL, 2003, p. 37).

Cada um com sua característica, mas com o mesmo objetivo: informar. Assim era o jornalismo europeu. Cada grupo com a sua necessidade e preferência sobre as informações dos acontecimentos atuais, mas o que incomodava era que os meios de informação não tinham periodicidade. Isso acontecia pela forte influência da política, que os censurava. Para que os acontecimentos chegassem até a população era preciso passar por uma avaliação, para saber se o que estava escrito podia ser levado a conhecimento público, como explica Marques de Melo (1985):

É que a vigência da censura prévia em toda a Europa nos séculos XV e XVI, exercida pelos Estados nacionais ou compartilhada pela Igreja nas nações católicas, intimidava as iniciativas porventura existentes ou então impunha-lhes uma existência atribulada, dependendo da autorização dos censores, naturalmente lenta e desconfiada, ou ousando clandestinidade, o que ocasionava a efemeridade da aparição. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 13).

Com a abolição da censura prévia é que o jornalismo passa a ser feito com periodicidade. Isso aconteceu com a burguesia no poder. A imprensa evolui; os jornais, acompanhando a evolução, mudavam conforme a sociedade se transformava. Acompanhando esta evolução os gêneros jornalísticos passaram por diversas transformações durante as décadas. As maneiras de escrever também se moldaram aos jornais e as definições de gêneros começaram a surgir, cada um com suas características.

Os gêneros jornalísticos são determinados conforme a produção dos meios de comunicação e das questões culturais do local em que o meio de comunicação está situado:

O conceito de jornalismo confunde-se, muitas vezes, com o de jornal. Entretanto, o jornalismo articula-se com os veículos que transmitem suas mensagens, sem se identificar com eles. Por isso, o estudo do jornalismo não se reduz à mera análise das formas, mas compreende um processo amplo que vai desde a produção até o consumo. (MARQUES DE MELO, 1992, p. 16).

Gomes (1992) afirma que é difícil fazer uma classificação que seja única e imutável dos gêneros jornalísticos. O autor comenta que “É ainda José Marques de Melo que constata que os diversos autores são equívocos ao proporem a sua sistematização dos gêneros jornalísticos. A ambigüidade torna difícil essa sistematização”. (GOMES, 1992, p.16)

O jornalismo nasceu na Europa. Segundo Melo (1992) ele surgiu de uma invenção burguesa. Os gêneros existentes hoje surgiram a partir da grande influência do modelo europeu no jornalismo brasileiro. Marques de Melo (1992) através de pesquisas bibliográficas nacionais e internacionais faz uma classificação dos gêneros jornalísticos, dividindo-os em duas categorias: jornalismo opinativo e jornalismo informativo. Dentro destas duas categorias estão distribuídos os gêneros jornalísticos. No jornalismo informativo se encaixam os gêneros: nota, notícia, reportagem e entrevista. Já da categoria de jornalismo opinativo fazem parte os gêneros: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e a crônica que segundo Marques de Melo (1992) é “tida como um ponto na fronteira entre a literatura e o jornalismo”. (MARQUES DE MELO, 1992, p. 85).

Mesmo com a diversidade de gêneros que estão à disposição do profissional para que ele molde as informações transformando-as em uma matéria ele, às vezes, parece não se importar com isso e escolhe a maneira mais fácil; seja pela falta de tempo ou espaço, ele prefere fazer o que é mais prático, prefere o *hard news*. É o que diz Piza (2002): “O jornalista brasileiro esquece que há vários gêneros jornalísticos além do chamado *hard news* e das colunas de opinião especializadas.” (PIZA, 2002, p. 135).

A CRÔNICA

A crônica é um gênero híbrido, ou seja, pertencente tanto ao jornalismo quanto à literatura. A palavra crônica vem do grego *chronos*, que significa tempo. O gênero, considerado tipicamente brasileiro, é um relato de fatos do cotidiano com uma linguagem literária.

O primeiro texto considerado crônica nacional foi encontrado em 1773 na Torre do Tombo por Seabra da Silva. Era uma carta escrita por Pero Vaz de Caminha relatando a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500, como relata Sá:

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento. Se a carta inaugura o nosso processo literário é bastante discutível. (...) Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo que ele registra no contato direto com os índios

e seus costumes naquele instante de confronto entre a cultura européia e a cultura primitiva. (SÁ, 1985, p. 5-6).

A carta que marcou a primeira crônica é contada em detalhes, sendo alguns deles, segundo Sá (1985), insignificantes, mas são eles que fazem a diferença em uma crônica. Vejamos um trecho da carta:

[...] E daqui mandou o Capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fossem em terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com seu arco e setas. Aos quais mandou dar a cada um uma camisa nova, uma carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que eles levaram nos braços, e cascavéis e campainhas. E com eles para ficar lá um mancebo degredado, criado de D. João Telo, a quem chamam Afonso Ribeiro, para andar lá com eles e saber de seu viver e maneiras. E a mim mandou que fosse com Nicolau e Coelho. (CAMINHA apud SÁ, 1985, p. 6).

Segundo Sá (1985), a característica da crônica de relatar fatos surgiu com Pero Vaz de Caminha: “Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial.” (SÁ, 1985, p. 6).

No século XIX, quando os jornais estavam nascendo, houve uma difusão entre a literatura e o jornalismo. A crônica era publicada nos jornais como um relato do que acontecia em qualquer lugar do mundo.

A imprensa evoluiu, a crônica foi reconstituída e adaptada ao formato do jornal. O gênero passou a fazer parte do folhetim, um espaço reservados semanalmente para estas publicações. Neste espaço eram escritos contos, poemas e crônicas relatando fatos que aconteceram naquele dia ou semana com característica informativa:

É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas). Segundo Afrânio Coutinho, o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Ali, ele assinava o ‘folhetim semanal’. Seus continuadores são José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 113-114).

Um detalhe importante é que quem escreve as crônicas nos jornais não são os jornalistas e sim os escritores. Segundo Marques de Melo (1985), escrever nos folhetins era uma maneira de mostrar o trabalho porque os autores desejam se tornar mais conhecidos para conseguir mais espaço para mostrar o que produziam e, quem sabe assim, conseguirem publicar livros. Além disso, era uma maneira de ganhar dinheiro.

Os historiadores literários explicam que os escritores da época, não tendo condições de viver da literatura recorriam à imprensa como fonte de sustentação. A imprensa pagava mal, mas pagava em dia. E era também uma oportunidade para que os homens de letras conquistassem um público permanente. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 114).

A produção da crônica para ser publicada nos jornais ficou mais jornalística no início do século passado, a partir dos escritos de Paulo Barreto, ou João do Rio, que é o pseudônimo mais conhecido do autor. Segundo Sá, Paulo Barreto percebeu as constantes mudanças e evolução que a sociedade vinha passando, por isso a maneira de escrever e narrar o dia a dia às pessoas deveria também mudar, acompanhando as transformações. Pensando desta maneira, ele começou a ir para a rua a fim de investigar e entender o que estava acontecendo e não mais ficava na redação esperando por informações para escrever.

Em vez de permanecer na redação à espera de um informe para ser transformado em reportagem, o famoso autor de *As religiões no rio* ia ao local dos fatos para melhor investigar e assim dar mais vida ao seu próprio texto: subindo morros, freqüentando lugares refinados e também a fina flor da madrugada carioca, João do Rio (seu pseudônimo mais conhecido) construiu uma nova sintaxe, impondo a seus contemporâneos uma outra maneira de vivenciar a profissão de jornalista. Mudando o enfoque, mudaria também o enfoque e a própria estrutura folhetinesca. (SÁ, 1985, p. 8-9).

Essa relação do escritor com a rua deu à crônica uma linguagem mais literária, pois quem escrevia não fazia mais apenas a narração breve dos fatos, mas interpretava e contava a história que presenciou de maneira subjetiva, como explica Sá (1985):

Em vez do simples registro formal, o comentário de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, tudo examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real. João do Rio chegava mesmo a inventar personagens, como o príncipe de Belfort, e dava aos seus relatos um toque ficcional. (SÁ, 1985, p. 9).

A maneira como o cronista narra o texto, misturando o fato com a ficção, faz com que o leitor se sinta frente a frente com o acontecimento, pois mesmo que tenha ficção, os personagens, sentimentos, cheiros e todos os detalhes que o autor coloca no texto aproximam o público do que está acontecendo de fato.

Com o passar do tempo chegou um momento em que os jornais mudaram e passaram a ser um modo de ganhar mais dinheiro. O impresso se tornou um bem de consumo e a notícia era vendida ao público, público este que era exigente e, por isso, o jornal passou por mais transformações.

O impresso passou a ser dividido em sessões de interesse para facilitar a leitura de quem procurava um jornal impresso para se informar. Os leitores estavam, cada vez mais, com o tempo escasso e a segmentação facilitava na procura pelo tema de maior interesse.

A crônica era publicada em um espaço de pouca valorização dos jornais. Como os jornais haviam se tornado produtos, o que o público gostaria de ver estava lá e alguns leitores continuavam interessados em textos opinativos e ricos em detalhes. Para agradar a este público, a

crônica continuou nos impressos. Ela continuava como folhetim e fazia parte da seção de variedades dentro do jornal. Mas, segundo Marques de Melo (1985), isso não foi por muito tempo:

Pouco a pouco porém o folhetim foi assumindo a característica que o tornaria um gênero autônomo no nosso jornalismo, desvincilhando-se da seção de variedades. Transmuda-se em crônica. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 114).

A crônica ganhou forma e personalidade própria com Machado de Assis, autor que contribuiu com a evolução do gênero e da literatura brasileira. Segundo Pena (2006): “Machado de Assis, cuja carreira como jornalista solidificou-se quando era repórter no Senado Federal, foi nosso melhor exemplo de “cronista-folhetinesco”.” (PENA, 2006, p. 31).

A partir da década de 30, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino, cronistas que deram sequência ao trabalho de Machado de Assis e José de Alencar, mudaram a forma de fazer a crônica e ela ganhou um modo de fazer mais jornalístico:

Se a crônica de costume se valia do real (fatos ou ideias do momento) simplesmente coisa deixa ou como inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária, a crônica moderna assume a palpação e agilidade de um jornalismo em mutação. Ela figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa. (MARQUES DE MELO, 1985, p. 115).

JORNALISMO E LITERATURA

Duas formas de contar histórias e estórias, assim são o Jornalismo e a Literatura. O que distancia os dois gêneros é, exatamente, a forma de contar determinado assunto. Um deles é urgente. Já o outro, sua exigência é dar ênfase ao que o jornalismo, devido à falta de tempo, não consegue mostrar, sua exigência é mostrar o outro lado da informação:

O que para mim difere o jornalismo, a crônica e o romance é basicamente a maneira como se apropriam desse mundo real, a maneira como integram esse mundo real, a maneira como expõem esse mundo real aos leitores. (MENEZES, 2002, p. 164).

Com características que os aproximam e ao mesmo tempo os distanciam, apesar disso há indícios de que o jornalismo e a literatura sempre trabalharam juntos. A crônica, um gênero que nasce na literatura, fez parte dos jornais desde o início e mesmo quando os leitores começaram a exigir mais informações e com mais rapidez, seja pela falta de tempo ou qualquer outro motivo

que justificasse a exigência pelos textos breves e objetivos. Mesmo com a pressa dos escritores e dos jornalistas ao escrever, a crônica continuou nos jornais e agradando a quem os lia.

Os jornais se adaptaram ao que a sociedade exigia e as formas de escrever acompanhavam. Os gêneros mudavam conforme o tempo do leitor, espaço dos jornais e exigências do meio de comunicação. Porém, os gêneros que mudavam não desapareciam ou ficavam esquecidos, eram apenas adaptados. Lima (1969) explica bem essa ideia, “Pois à medida que vamos passando de um gênero a outro, não ocorre um abandono do anterior, mas uma incorporação ao novo.”, (LIMA, 1969, p. 34).

A influência da Literatura nos gêneros Jornalísticos e vice e versa é clara. No início, os jornais eram mais literários, pois a influência na maneira de escrever vinha da literatura, principalmente pelo fato de que quem escrevia os jornais não eram os jornalistas, mas sim os escritores.

Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandando as redações, mas principalmente, determinando a linguagem e o conteúdo dos jornais. E um dos seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre Jornalismo e Literatura. (PENA, 2006, p. 28).

Alguns autores ainda defendem que o Jornalismo é um gênero da Literatura, pois um influencia o outro, uma maneira de escrita se une a outra e, assim, novos gêneros surgem. A partir dessa ideia de união entre as formas de escrever é que os gêneros se tornam parecidos, com algumas características em comum. Lima (1969) defende que:

Os jornais se aproximam hoje das revistas, como as revistas dos livros. E com isso se transformam, cada vez mais, em instrumentos de um autêntico gênero literário... Divergem os pareceres, como vamos ver, entre os que incluem a imprensa, ou não, entre os capítulos da arte literária. Há fortes argumentos pró e contra e só fazendo as necessárias distinções é que podemos, creio eu, chegar a uma solução definitiva. Mas o que a evolução dos meios modernos de publicidade nos vai demonstrando é que o jornalismo vai conquistando de mais em mais os seus foros de verdadeiro gênero literário. Assim como a fotografia “libertou a pintura”, na frase famosa de Jean Cocteau, o rádio e a televisão libertaram o jornalismo de suas funções subalternas. E com isso vai ele consolidando a sua ascensão literária a gênero de primeira grandeza, ao lado da antiga genealogia. (LIMA, 1969, p. 9-10).

Cosson (2002) afirma que: “Se o jornalismo é o império dos fatos, a literatura é o jardim da imaginação.” (COSSON, 2002, p. 58), uma característica que torna os dois gêneros totalmente distintos. Porém, Segundo Piza (2002), se o Jornalismo e a Literatura mudassem um pouco a maneira de escrever ficariam mais próximos e com mais características semelhantes. A sugestão é

que o Jornalismo vá além dos fatos para passar as informações e a Literatura utilize mais da realidade nos textos.

Se a literatura deve perder o medo da realidade, de interpretar a sociedade brasileira em sua complexidade e drama, o jornalismo deve perder a submissão ao que considera ser a realidade, a submissão às versões oficiais e ideológicas sobre os fatos, para conseguir ir além deles. (PIZA, 2002, p. 137).

Há autores que mostram semelhanças e outros que mostram as diferenças entre o Jornalismo e a Literatura. Mas, como o objetivo aqui é buscar o ponto exato da aproximação dos dois gêneros, então retornamos ao ponto da crônica, que desde o nascimento dos jornais esteve presente nas páginas dos periódicos. Marques de Melo (1985) diz que “A crônica preenche as três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva.” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 118).

Há diversos autores que defendem o uso da crônica e da literatura com seus diversos subgêneros nos jornais e principalmente na maneira de fazer jornalismo, pois com uma linguagem que relata o cotidiano de um modo diferente do jornalismo, as matérias literárias chamam a atenção para pequenos detalhes do dia a dia que o jornalista, com a pressa, não mostra. Além disso, ainda é uma alternativa para que o jornalista saia do modelo convencional de dar a notícia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crônica nasceu na literatura e logo passou a fazer parte do jornalismo também. Esse gênero fez a aproximação entre o jornalismo e a literatura por meio do primeiro contato com o jornal. Foi constatado que a literatura nasceu a partir da crônica, tida como o primeiro gênero literário a fazer parte de um jornal, razão pela qual o gênero crônica é um dos meios de aproximação do jornalismo e da literatura.

A crônica está tão presente no jornalismo quanto na literatura. Através deste gênero o leitor pode estar bem informado e de uma maneira que foge dos padrões do *lead* e da pirâmide invertida. A crônica colabora com o jornalismo e também com a literatura desde o início, e essa colaboração é tão boa para o leitor quanto para quem escreve o texto. A crônica como jornalismo é uma maneira de fazer com que o jornalista lembre que existem outras formas de escrever, outras formas de informar e que não sejam tão objetivas, mas que também agradam o leitor.

Por meio da crônica o jornalista pode informar e ainda chamar a atenção do leitor para fatos do cotidiano que são importantes, mas nos passam despercebidos com a correria do dia a

dia. A sensibilidade do jornalista para determinados detalhes vão fazer toda a diferença na matéria. Para isso o profissional terá que prestar mais atenção enquanto faz a apuração dos fatos para não deixar passar nada. Os detalhes e aspecto humano são importantes e o jornalista precisa estar atento a isso. Deve ficar com os olhos e ouvidos aguçados, pois na crônica são esses pormenores que fazem a diferença.

Uma das principais preocupações do jornalismo hoje é a maneira como os jornalistas escrevem. O que pesa é sempre a opinião do meio de comunicação e é basicamente isso que diferencia uma matéria da outra. Com a pressa e o pouco espaço os jornalistas escrevem praticamente da mesma forma. Os textos ficam parecidos, pois todos seguem o mesmo padrão: *lead* e pirâmide invertida.

Para mudar isso, a crônica poderia ser usada pelos jornalistas e pelos meios de comunicação como uma alternativa de diferenciar o material produzido. Uma alternativa de ter uma notícia incomum, com linguagem diferente dos outros periódicos.

Um dos impasses que o profissional encontra para produzir uma crônica é a falta de tempo. O jornalismo diário exige rapidez e a crônica precisa de mais tempo para ser apurada e produzida a tornando, assim, um produto mais caro, mas isso não pode impedir que o jornalista faça um trabalho diferente. O profissional não precisa, obrigatoriamente, fazer crônicas de todas as matérias do jornal, até porque a ideia é a de haver uma ou outra notícia com característica literária para chamar mesmo a atenção do leitor. Se não diariamente, pelo menos regularmente o profissional deveria escrever uma crônica de um dos assuntos mais importantes do jornal.

Além disso, para o jornalista a crônica ainda pode ser uma maneira de colocar um pouco das características próprias no texto. Hoje em dia a maioria dos profissionais utiliza a forma padrão da notícia, por isso a escrita de um jornalista e outro acaba se tornando semelhante. O que muda é uma informação a mais ou a menos em um periódico e outro. O público, ao ler os jornais, não consegue identificar o jornalista pelo texto, pois parece que todos foram escritos pela mesma pessoa. A crônica abre espaço para que o profissional coloque um pouco de si e mostre suas características para que o leitor, ao ter contato com aquele texto, saiba diferenciar quem o escreveu. Dedicar um tempo a mais escrevendo uma matéria em forma de crônica é, sem dúvida, bom para o jornalista e para o jornal.

Com este resgate histórico o trabalho mostra que a aproximação dos gêneros colabora com escritores e jornalistas. O literato pode usar a maneira de apurar do jornalista a seu favor. Ele pode ir para a rua sentir e ver de perto o que está acontecendo. Essa técnica jornalística pode auxiliar, e muito, um escritor na hora de produzir o texto. Além disso, ele pode usar também a

técnica de entrevista do jornalismo para enriquecer o que está escrevendo. Cada detalhe, fato e depoimento do texto serão mais reais e ricos aproximando o leitor ao que está lendo. Tudo que o literato realmente ver e sentir conseguirá transmitir mais facilmente para o leitor, claro que, sem perder a essência da literatura e utilizando o elemento chave: a mistura ficção com os fatos do cotidiano.

Já para o jornalismo é uma maneira de fazer o profissional se desafiar diariamente, pois o jornalista terá que fugir das técnicas diárias de produção de notícia, ou seja, ao invés de fazer uma matéria utilizando o *lead* e a pirâmide invertida o profissional terá que pensar em cada parágrafo e contar a história de uma maneira incomum, diferente do que faz várias vezes ao dia. É um modo de fazer o jornalista se exercitar e pensar no aspecto humano, no cotidiano e no banal, porque são características fundamentais no texto literário. O profissional vai ter que se desprender da objetividade e contar principalmente os pormenores que não são ditos no texto jornalístico. É exatamente o que explica Moacyr Scliar (2002): “Agora: acho, sim, que a literatura pode ensinar algo ao jornalismo. Em primeiro lugar, a cuidar da forma, a escrever e a reescrever” (SCLIAR, 2002, p. 14).

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luís. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a El Rey Dom Manuel. Apresentação de Rubem Braga. In: SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

COSSON, Rildo. Romance-reportagem: O império contaminado. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

GOMES, Pedro Gilberto. Artigo. In: MELO, José Marques de. **Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do Jornalismo**. São Paulo: Geração 2003.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

MAIA, João Domingues. **Literatura: Textos e técnicas**. São Paulo: Ática, 2004.

MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

MELO, José Marques de. **Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

PIZA, Daniel. Jornalismo e Literatura: Dois gêneros separados pela mesma língua. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SCLIAR, Moacyr. Jornalismo e Literatura: A fértil convivência. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.